trias apropriadas ao país, que desenvolveremos para que nos permitam adquirir, a troco de exportação, os objectos que nos convém importar. Do livre-cambio resulta um emprego mais vantajoso do nosso capital, e uma mais lucrativa aplicação do nosso trabalho.

Quem compra vende tambem, porque toda a compra é uma troca; e ganha, se o preço de venda é superior ao preço de produção do objecto vendido. Se dou uma cousa que me levou cinco horas de trabalho a fazer, e recebo uma coisa que me levaria seis horas de trabalho se eu me metesse a fazê-la, —ganhei.

Ser rico não é produzir com muito trabalho *todas* as especies de cousas possiveis e imaginaveis: ser rico é possuir algumas especies de coisas de qualidade e em quantidade tal, que as outras pessoas estejam dispostas a darnos por elas todas as variedades de coisas que nós ambicionamos; ser rico é possuir alguma coisa que nos permita comprar de tudo. Um país deve trabalhar em todas as industrias *viaveis nesse país*, mas não se deve dar ao luxo de sustentar industrias inviaveis, que só podem viver por favor, e á custa de sacrificios de toda a gente. É esse um luxo muito caro.

Com efeito, uma industria deve representar um beneficio, e não um sacrificio para os seus clientes. O industrial que só pode viver protegido é um mendigo que nós sustentamos; é um priviligiado a quem pagamos um tributo, quando só devemos tributo ao Estado. Em resumo, *a industria protegida não produz, consome.*

Um homem que tem o titulo de marquês, não é hoje realmente um privelegiado, porque o titulo não lhe dá vantagem nenhuma sobre os seus patricios; mas o industrial protegido é um verdadeiro privilegiado, porque nos obriga a comprar caro a ele, quando podiamos comprar barato a qualquer outro, e porque é enriquecido pelo Estado, com grave prejuizo da grande maioria da nação. Na proteccionista França foi calculado que só 5 % da população podia ter interesse no proteccionismo, o qual representa prejuizo para os 95 % restantes. Esses 5 % são os privilegiados da França, os seus oligarcas. A protecção aduaneira é um despotismo politico, exercido pela força da politica, sustentado pelas mentiras da politica. As formas de governo não tiram, nem põem, a estas duras realidades.

III

Poder-se-á tambem dizer que o proteccionismo, protegendo certas industrias nacionais, dá trabalho aos operarios nacionais, e favorece por isso esses operarios. Mas vejamos.

Em primeiro logar, como já vimos, o proteccionismo torna a vida mais cara; sendo as coisas mais caras, cada pessoa pode comprar menos coisas, os haveres de cada um teem menor poder de compra; daí resulta que todo o país consome menos, e portanto dá menos ocasião a que seja preciso o trabalho dos operarios.

O industrial ha-de comprar a sua materia prima, as suas maquinas, e os direitos protectores, que é obrigado a pagar por elas, tornam mais caro o preço de produção do seu produto; e nesse caso, ou abaixa o salario dos seus operarios, ou aumenta o preço de venda, o que é mau para todos, operarios e não operarios, fabricantes e não fabricantes.

Uma industria só pode empregar muitos operarios e pagar bem aos operarios quando fabrica muito, e só pode fabricar muito quando lhe compram muito, — quer dizer, quando o produto é barato e quando, estando a vida barata, todas as pessoas podem gastar com mais largueza. Ora o barateamento da vida e das materias primas é impedido, como já vimos, pelo proteccionismo.

Os Estados-Unidos da America do Norte são uma terra tão rica, tão fecunda, e os seus homens tão activos, tão inventivos, tão empreendedores e tão bem instruidos, que os Estados-Unidos podem praticar sem perigo os maiores erros economicos, que são mais que compensados pelos seus acertos. Um desses grandes erros economicos é o proteccionismo. Pois bem: nos Estados-Unidos, os operarios que recebem maiores salarios são os das industrias não protegidas.

Quem, por causa do proteccionismo, produz caro, não só vende menos dentro do paiz, como não pode vender no estrangeiro. Os fabricantes de maquinas ingleses dizem com razão que emquanto os Estados-Unidos forem proteccionistas não poderão os norte-americanos concorrer com eles nos mercados estrangeiros.

O industrial compensa-se, nos preços, dos direitos que paga, e por isso é em grande parte verdadeira a seguinte afirmação do norte-americano Brickett:

«Os direitos protectores são pagos pelos operarios empregados nas industrias viaveis (as que podem viver no paiz sem protecção) em proveito dos operarios empregados nas industrias ruinosas».

As industrias viaveis, as que podem empregar mais operarios, são sacrificadas e feitas tributarias das industrias inviaveis.

O proteccionismo excita vitalidade falsa nas industrias que precisam de protecção, atrai para elas o capital e a mão de obra, provoca uma produção exagerada não vendavel por ser cara, e produz finalmente o desemprego dos operarios.

O operario da livre-cambista Inglaterra é o melhor pago de toda a Europa; apesar disso os industriais ingleses conseguem um preço de produção tão baixo que vendem por toda a parte os seus produtos, não obstante os direitos protectores das outras nações. Os governos destas carregam os direitos protectores, para que os seus nacionais não comprem á Inglaterra, e a Inglaterra apesar de tudo aumenta sempre a exportação.

Para comprar mais caro, o operario precisa de trabalhar mais; esse excesso de trabalho é empregado para pagamento dos direitos protectores. Encarecendo os objectos, os direitos protectores diminuem as faculdades de compra de todas as pessoas, e portanto o trabalho a dar aos operarios. «A protecção, diz um economista norte-americano, restringe a divisão geografica do trabalho, atrai a iniciativa para as industrias menos produtivas, diminue a produtividade do trabalho, e tende assim a abaixar os salarios».

Antonio Sergio.

PARA A HISTÓRIA DA

"Renascença Portuguesa,,

Na reunião de Coimbra em 1911, ficou Teixeira de Pascoaes encarregado de redigir um manifesto ao país com os intuitos da «Renascença». Teve a seguinte redacção:

AO POVO PORTUGUÊS

A "Renascença Lusitana,,

Estas palavras que dirigimos ao Povo Português têm por fim revelar-lhe qual será a obra patriotica da **Renascença Lusitana,** — obra em que devem colaborar todos os homens de boa vontade.

A **Renascença Lusitana** é uma associação de individuos cheios de esperança e fé na nossa Raça, na sua originalidade profunda, no seu poder creador d'uma nova civilisação. *Esta fé e esta esperança* não resultam d'uma ilusão patriotica, mas do conhecimento verdadeiro da alma lusitana, a qual, devido a influencias estrangeiras de naturêsa politica, artistica, literaria e sobretudo religiosa, se tem adulterado nos ultimos seculos da nossa Historia, perdendo o seu caracter, a sua fisionomia original e, portanto, as suas forças creadoras e progressivas.

O fim da **Renascença Lusitana** é

combater as influencias contrarias ao nosso caracter étnico, inimigas da nossa autonomia espiritual e provocar, por todos os meios de que se serve a inteligencia humana, o aparecimento de novas forças moraes orientadoras e educadoras do povo, *que sejam essencialmente lusitanas,* para que a alma d'esta bela Raça resurja com as qualidades que lhe pertencem por nascimento, as quaes, na Edade Media, lhe revelaram os segredos dos mares, de novas constelações e novas terras, e, de futuro, lhe deverão desvendar os misterios dessa nova vida social mais bela, mais justa e mais perfeita.

Logo que alma portuguesa se encontre a si propria, rehaverá as antigas energias e realisará a sua civilisação.

Sonho belo, mas chimerico? Não! Descobrem-se já na alma da nossa Raça alvoroçantes sintomas de renascenca. O seu esforço de 5 de outubro foi o despontar da sua heroicidade que dir-se-ia morta para sempe; foi um *signal* de abnegação; houve vidas sacrificadas á Vida.

A sombra de Nun'Alvares saiu do túmulo e vagueou nas ruas de Lisbôa; sulcaram o Tejo phantasmas de caravelas em demanda da India Ideal, essa India que fica em pleno mar do nosso sonho.

Admiraveis presagios! Já brilha a estrella da nova Manhã! Chegou, na verdade, o momento divino de todos os bons portuguezes colaborarem na grande obra da nossa Renascença! O *morto* estremeceu, ao sentir o primeiro halito de vida. Abramos-lhe a tampa do sepulcro! Eis a nossa obra, a obra do nosso amor e da nossa fé.

Este apêlo que fazemos aos portugueses, por isso mesmo que nos sáe da alma, ha de ser ouvido. E a **Renascença Lusitana,** n'este instante em que apresenta ao povo a sagrada ideia que a anima, espera firmemente que se reunam em volta d'ela todas as almas esperançosas que sentem em si o germinar d'uma nova vida, o acordar d'um novo alento creador de belêsa, de justiça e de bondade, os tres elementos constituitivos d'uma verdadeira civilisação.

Não se exige que se seja artista ou poeta ou sabio para trabalhar n'esta obra; tal coisa seria dum exclusivismo ridiculo. Todo aquele que acreditar no renascimento lusitano, todo aquele que nos trouxer um clarão de esperança, será recebido de braços abertos como leal e firme camarada.

Estas palavras, como já fica dito, têm por fim mostrar ao povo portuguez qual a ideia que inspira a **Renascença Lusitana.** *Essa ideia,* repetimos, *é reintegrar a alma da nossa Raça na sua pureza essencial, revelar o que ela é na sua intimidade e natureza originaria, para que tome conta de si propria, e se torne activa e creadora, e realise, emfim, o seu destino civilisador.*

Temos, portanto, em vista: *dar ao povo uma educação lusitana e não estrangeira; uma arte e uma literatura, que sejam lusitanas,* e uma religião no seu sentido mais elevado e filosofico, *que seja tambem lusitana.*

Com efeito, quem surpreender a alma portuguesa, nas suas manifestações sentimentaes mais intimas e delicadas, vê que existe n'ela, embora sob uma fórma difusa e caótica, a materia d'uma nova religião, tomando-se a palavra *religião* como querendo significar a anciedade poetica das almas para a perfeição moral, para a belêsa eterna, para o misterio da Vida . . . Ora a alma portugueza *sente esta anciedade d'uma maneira propria e original,* o que se nota facilmente analisando os cantos populares, as lendas, a linguagem do povo, a obra de alguns poetas e artistas e sobre tudo, a suprema creação sentimental da Raça — *a Saudade!*

Sim: na alma lusitana ha a nevoa d'uma nova religião; e por isso, o catholicismo, importado de Roma, jámais se tornou portuguez, como se tornou hespanhol, por exemplo. Todavia, em virtude da insistencia com que tem sido cultivado em Portugal, concorreu para desnaturar o nosso caracter; é necessário, portanto, combatê-lo, como a todos os inimigos invasores, ou sejam de casta pedagogica, artistica, literaria, religiosa ou filosofica.

Esta lucta, assim como a obra reconstructiva da **Renascença Lusitana** será feita, além d'outros meios, por meio de conferencias, livros e d'uma revista de literatura, filosofia, sciencia, critica social, etc., que se intitulará *Aguia* e será o orgão da sociedade.

Eis a obra a que vamos dedicar o melhor da nossa actividade e todo o nosso entusiasmo, esperando o concurso dos bons portugueses.

Bem sabemos que é uma obra enorme. Mas é preciso que alguem lhe dê o primeiro impulso. Outros, mais fortes do que nós, terão a gloria de a concluir.

Ao ser levado para Lisboa, o seu autor acrescentou-lhe o seguinte:

Diremos, de passagem, que consideramos como os grandes factores do nosso renascimento, a Higiene e a Arte.

Por aquela atingiremos a harmonia fisica, e por esta a harmonia espiritual.

A Gimnastica encerra tanta virtude como a Arte Poetica. A guerra ao alcool, ao tabaco, á alimentação carnivora, por exemplo, é uma guerra santa e confunde-se com a glorificação da Belêsa moral, com a apoteose dos sentimentos e das ideias mais puras e transcendentes.

A Iliada e os Jogos Olimpicos!

Na reunião de Lisboa, resolveu-se que Raul Proença redigisse um outro que transcrevemos:

AO POVO

A "Renascença Portuguesa,,

A SOCIEDADE portuguesa, saída há pouco d'uma revolução triunfante, que se effectivou em virtude de aspirações mais ou menos definidas e de esperanças mais ou menos fortes, encontra-se hoje numa situação única da sua história. Sente-se que é preciso desde já garantir o nosso futuro, dar uma alma nova á nossa nacionalidade, despertar acção e vida nesta existencia de modorra, fazer surgir emfim alguma coisa que nos alimente a esperança, móvel da revolução e fonte de toda a vida. Que aconteceria se assim não fosse? A revolução seria então um desânimo que viria justapôr-se a milhares de desânimos anteriores, e não teriamos para legar aos nossos filhos senão a memória da nossa falencia. Desde esse momento, a esperança seria uma palavra vã em bôcas portuguesas.

Eis o que é preciso evitar a todo o custo. Urge concentrar num *blóco* de renascença nacional tudo o que há ahi de esparso — todas as boas vontades que teem esbarrado com a indifferença, todas as iniciativas que teem malogradó por falta de uma acção commum e persistente, todas as intelligencia que se esterilizam no isolamento. Blóco, sim, mas norteado apenas pelo amôr da collectividade, estranho a todas as facções politicas, religiosas e filosóficas, e a todas as *coteries* literárias e artisticas; e tão largo que n'elle caibam as tendencias mais variadas, contanto que *uteis,* e os espiritos mais diversos, contanto que *dedicados.*

Já não é a primeira vez, bem sabemos, que se tem tentado sériamente lançar mãos a esta tarefa essencial. E sabemos tambem, infelizmente, que todas essas tentativas, apesar das diligencias dos seus iniciadores, teem abortado entre os fogos fátuos da rhetórica de alguns, e a indifferença ou o cansaço dos outros; como se a nossa gente para mais não desse do que para o incanto das iniciações, para os espasmos, os orgasmos fugidios da sensibilidade, e não pudesse acompanhar uma obra até á sua maturação completa, porque aos incantos de concepção e da partilha se teem de suceder os labôres da criação. E esses factos, esses desastres, essas tristes lições, mais teem contribuido para o nosso progressivo desânimo, tornando-se contraproducentes, porque teem acrescentado á nossa miseria a convicção de que todo o esforço é ineficaz. Mas as causas dêsses malogros não teem sido d'ordem própriamente intellectual, e